



Revista

Da Cultura

Ano XIII – Nº 24 – Dezembro de 2014 – ISSN 1984-3690

Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres

Entrevista:

– General Adhemar da Costa Machado Filho

Chefe do Estado-Maior do Exército

Artigos:

A Participação do Brasil na 1ª Guerra Mundial

Gen César Augusto Nicodemus de Souza

Arqueologia do Forte dos Reis Magos em Natal

Marcos Albuquerque

**O Patrimônio Cultural e o IPHAN – Perspectivas
no Início do Século XXI**

Maria Cecília Londres Fonseca

O Conhecimento é Poder – o Arquivo

Histórico do Exército

Adler Homero Fonseca de Castro

Reportagem:

– Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres

Cel Paulo Roberto Rodrigues Teixeira

Arqueologia do Forte dos Reis Magos em Natal



Marcos Albuquerque

O Forte dos Reis Magos em Natal, tem despertado o interesse de vários historiadores contemporâneos, de modo a propiciar ao estudioso atual uma vasta fonte de referência.

Ao ser publicada a Revista DaCultura nº 10, o Cel Paulo Roberto Rodrigues Teixeira escreveu um artigo sobre este Forte, cuja leitura deverá anteceder ao trabalho de pesquisa arqueológica, apresentado de forma preliminar neste artigo, haja vista que a pesquisa ainda se encontra em curso.

A Capitania de Pernambuco estabeleceu-se desde os primeiros séculos da colonização portuguesa no que viria a se chamar Brasil. Já em 1516, foi estabelecido um entreposto comercial, fortificado, no continente, em frente à porção sul da Ilha de Itamaracá. Esta feitoria montada por Cristóvão Jacques, foi motivo de uma escavação arqueológica por nossa equipe, na década de 60. O resultado desta pesquisa demonstrou que esses primeiros contatos devem ter sido pacíficos, em função da ordenação espacial, qualitativa e quantitativa do material arqueológico resgatado. A área, nas margens do Canal de Santa Cruz, apresentava condições de porto e conseqüentemente de fundeadouro. Mais tarde, agora em 1535,

aportou nesta mesma região o primeiro donatário da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho, sua esposa D. Brites de Albuquerque e seu irmão, Jerônimo de Albuquerque. Fundaram Igarassu e, em seguida, Olinda, onde se estabeleceram.

A visão progressista de Duarte Coelho logo fez a Capitania de Pernambuco progredir, tornando-se um sucesso do Sistema Colonial Português que se implantava no Novo Mundo. O Foral de Olinda ainda é válido nos dias atuais, constituindo-se em uma demonstração da visão progressista desse donatário. Havia uma preocupação com os mananciais, com o disciplinamento da ocupação do solo e demais itens que ainda são discutidos, na atualidade, com propriedade. A administração profícua de Duarte Coelho colocou a Capitania de Pernambuco em destaque perante a Corte.

A produção do açúcar foi bem sucedida e conseqüentemente gerava divisas, tanto para o reinvestimento na região como para Portugal, o que viria mais tarde a despertar

interesse de outras potências europeias como a Holanda, sobretudo depois da União das Coroas Ibéricas.

O Sistema Colonial Português sentiu a necessidade de se expandir para o norte, além da capitania de Itamaracá que tinha seu limite norte na Baía da Traição, no atual estado da Paraíba. O alvo foi o Rio Grande do Norte. Após várias avaliações, foi determinado que deveria ser construído um forte na margem direita do Rio Potengi. O controle deste rio era, por suas características geopolíticas, de fundamental importância estratégica para a colimação das intenções portuguesas. Porém, estas intenções e interesses não podiam ser analiticamente dissociados dos interesses e objetivos de outros Sistemas que coexistiam, naquele período. A expansão do Sistema Colonial Europeu, como totalidade, constituía-se em um fato inequívoco, entretanto, para efeito de análise, o mesmo poderia ser entendido como um conjunto de subsistemas com objetivos e estratégias específicos.

Embora o Sistema Colonial Português se encontrasse inserido em um conjunto mais amplo, o europeu, o mesmo possuía características e objetivos particulares, como não seria diferente do francês, espanhol, holandês etc. O fato de esses subsistemas integrarem um sistema mais amplo não significava que não havia rivalidades e contendas entre eles. E porque seria diferente com os integrantes do Sistema Americano? Como um todo, poder-se-ia falar de um sistema independente, que não dependia de outros sistemas, como o europeu. Entretanto, internamente, este sistema era também composto de inúmeros subsistemas e apresentava situações análogas quanto a disputas, alianças, animosidades, conflitos, guerra e demais “atributos”, característicos do convívio



Mobilização da equipe de Arqueologia. Chegada do Laboratório Móvel de Arqueologia nas proximidades do Forte.



Análise do material arqueológico no interior do Laboratório Móvel.

das sociedades. E foi o entendimento desta situação um dos fatores que veio a favorecer a fixação europeia no Novo Mundo.

O Rio Grande do Norte encontrava-se densamente ocupado por grupos nativos e ainda era muito frequentado por franceses, o que muito incomodava aos interesses portugueses. Daí a necessidade lusa em conquistar essa área. A implantação de uma base fortificada era indispensável para a consecução deste objetivo e a resposta foi a edificação do Forte dos Reis Magos, objeto de estudo deste trabalho.

Das intenções, os portugueses partiram para a ação. Palmilharam a área e decidiram por local o forte sobre os arrecifes, na entrada da barra do Rio Potengi. Esta posição escolhida oferecia vários aspectos favoráveis, tanto do ponto de vista logístico como do

Início das escavações na Praça de Armas.



estratégico. Fechava a barra do Rio Potengi, impedindo o acesso inimigo, tanto ao porto como ao interior. Constituía-se em uma posição avançada em direção norte, tomando como base a Capitania de Pernambuco, já implantada. Possuía uma maior proximidade com a África e Europa, tendo como apoio intermediário o Arquipélago de Fernando de Noronha, aliás, este saliente nordestino constituiu-se em uma posição utilizada por ocasião da Segunda Guerra Mundial, e que ficou conhecida como

Trampolim da Vitória, dada a sua posição estratégica.

O seu posicionamento na Foz do Rio Potengi trouxe algumas vantagens, além das estratégicas, como a presença de peixes, crustáceos e moluscos abundantes nas áreas de mangue, ou seja, em áreas onde a água do rio mistura-se com a do mar, favorecendo o desenvolvimento destas espécies que necessitam de água salobra. Ainda nos dias atuais, considerando a poluição e predação, a área apresenta-se rica neste suprimento proteico, e, em caso de haver no período colonial uma interrupção de abastecimento, estaria garantida a base alimentar. O contato com poucos aliados indígenas, que se encontravam nas proximidades, poderia fornecer a farinha de mandioca, ou seja, o hidrato de carbono, também fundamental a uma dieta saudável. Frutos da restinga, dentre os quais o caju, garantiria o suprimento vitamínico e de sais minerais, aliás de fundamental im-

Os portugueses construíram este Forte sobre os arrecifes. Em todos os cortes realizados foi atingido o nível dos arrecifes, primeiro piso utilizado pelos seus construtores.



portância no combate ao escorbuto, comum naquela época. Mas a localização do forte não apresentava apenas aspectos positivos. Tratando-se de uma área de mangue, em algumas fases da lua, a quantidade de insetos sugadores, como o maruim, torna o ambiente quase insuportável. Eram necessárias algumas medidas como se untar com óleos repelentes, aprendido com os indígenas, ou a manutenção de fogos acesos com bastante fumaça. Quem já teve a experiência de se deparar com esses insetos pode avaliar o desespero que deve ter sido vivenciado pelos construtores do forte.

Um outro aspecto negativo que pode ser ressaltado eram as formações dunares, comuns nesta região. No caso particular do Forte dos Reis Magos, havia uma duna a cavaleiro da fortificação sobre a qual os holandeses montaram suas baterias e a partir dela efetuaram o ataque que o conquistou.

O Forte dos Reis Magos foi um dos primeiros a ser construído em pedra, quando nesta época a maioria era construída em terra, tanto a muralha, contra muralha e para-peito. A escavação arqueológica que realizamos no Forte Orange, de construção holandesa, confirmou esta técnica construtiva. Dada a sua cronologia recuada, no fim do século XVI, em torno de 1598, o seu traçado corresponde



Como no início de qualquer construção, são colocadas marcações de referência. Neste corte foi encontrado um prego cravado sobre os arrecifes que marca o início da ocupação da área pelos portugueses.



Sobre os arrecifes, foi encontrada uma peroleira, utilizada pelos construtores do Forte, provavelmente para conter água doce.



Detalhe da remoção da peroleira.

Neste corte, realizado na Praça de Armas, pode-se observar na seqüência estratigráfica as diferentes ocupações do Forte. Na base, os arrecifes, onde os portugueses iniciaram a construção do Forte. Em seguida, uma camada clara fruto do aterro português para se afastar da umidade. Parte da camada escura usada pelos portugueses e parte pelos holandeses durante a sua ocupação. E, mais na superfície, aterro luso-brasileiro. Constante a preocupação com a redução da umidade interna do Forte.



Seqüência de pisos, no sentido da base para a superfície, no interior de uma dependência: 1: Base do corte, arrecife sobre o qual os portugueses iniciaram a construção; 2: Camada escura, fruto da incorporação de matéria orgânica pelo uso dos primeiros ocupantes; 3: Aterro de areia clara realizado pelos portugueses, sempre com a preocupação de redução da umidade; 4: Primeiro piso calçado no interior da dependência, construído pelos portugueses e posteriormente pisado pelo holandeses. Ainda apresentava umidade na preamar; 5: Aterro sobre o primeiro piso calçado; 6: Segundo piso calçado, este do século XIX; 7: Por fim, uma tijoleira quadrada do século XX.

a um período de transição, influenciado pela arquitetura militar medieval. Este forte, portanto, constitui-se em uma obra prima da arquitetura militar da época, em terras brasileiras. A sua construção impressionou bastante ao espião holandês que antecedeu a invasão, descrevendo-o de forma notável.

O Forte dos Reis Magos será restaurado pelo IPHAN/RN com recursos oriundos do PAC (Plano de Aceleração do Crescimento) das Cidades Históricas. O seu Superintendente, Dr. Onésimo Santos, resolveu anteceder a restauração por uma pesquisa arqueológica. Este procedimento, respaldado em cartas patrimoniais internacionais, das quais o Brasil é signatário, estimula a execução de uma restauração fundamentada em dados científicos através de uma pesquisa arqueológica. Foi realizada, portanto, uma licitação pública da qual resultou em uma sinergia entre a Arqueologia Pesquisas, o Laboratório de Arqueologia da UFPE e a própria Superintendência do IPHAN/RN.

A pesquisa arqueológica orientou-se em duas vertentes distintas e inter-relacionadas; a científica e a voltada para atender aos requisitos específicos da restauração. A primeira, procurando o entendimento possível do cotidiano dos ocupantes do forte, desde os primeiros procedimentos construtivos até a vida diária de seus ocupantes, incluídos

os combates. A segunda vertente direcionou-se para apresentar aos restauradores os diferentes fácies por que passou o monumento, cabendo aos mesmos optarem pelo que devem priorizar.

As pesquisas arqueológicas tiveram início em dezembro de 2013 e ainda continuam em curso. Os resultados obtidos até o momento já permitem uma grande aproximação com a

materialidade deste monumento, até então submersa nas profundezas de suas camadas.

Realizada a mobilização da nossa equipe, tiveram início os primeiros procedimentos operacionais para o desenvolvimento da pesquisa de campo. A metodologia adotada baseia-se, por um lado, no entendimento do Forte como um sistema isolado e, por outro, pela inserção do mesmo em um sistema mais amplo, no qual ele se constitui em um de seus elementos funcionais. Isoladamente, enquanto elemento funcional, temos que pensar arqueologicamente, em responder questões quanto aos subsistemas de alimentação, abrigo, defesa, comunicação, transporte e demais necessidades que se constituíam em seu cotidiano. Ainda do ponto de vista arqueológico, foram consideradas as várias interferências que o monumento sofreu, ao longo de sua existência, desde a escolha do local até o estado em que o mesmo se encontra, na atualidade, o que contribuirá para a sua restauração.

Com base nos objetivos propostos, teve início a escavação arqueológica. A Praça de Armas já foi praticamente toda escavada. Buscaram-se elementos que indicassem o



Em todas as dependências foram realizados cortes de parede, com a finalidade de se estudar a técnica construtiva como também o material utilizado



Em uma das casamatas foi identificada uma abertura, além do arco, com a finalidade de dissipar os gases após um disparo de canhão.



Nível de piso encontrado na casamata na atualidade, incompatível com o posicionamento de um canhão, mesmo de pequeno porte.



As escavações arqueológicas na casamata revelaram o nível original desta dependência, agora compatível com o posicionamento de um canhão. Provavelmente será utilizado na restauração que sucederá esta pesquisa.



Sobre os arrecifes, base do corte, a pesquisa revelou que os alicerces foram em pedra em sossa, ou seja, pedra sobre pedra sem argamassa. Esta técnica permite o fluxo e refluxo das águas na preamar sem comprometer as estruturas.

início das primeiras atividades dos portugueses para a edificação da fortificação. Em todos os cortes realizados nesta porção da fortificação, constatou-se que a edificação fora construída sobre os arrecifes. Esta afirmação era de conhecimento dos historiadores com base nas informações textuais. O que não poderia ser afirmado até então era que toda a fortificação se encontrava sobre os arrecifes.

As dependências também foram escavadas, como ainda parte do terrapleno. Em todas elas foram realizados cortes de parede em

quotas positivas. Embora a pesquisa arqueológica não tenha sido concluída, já se obteve um conjunto significativo de resultados. Elenca-remos, neste artigo sobre o Forte dos Reis Magos, alguns destes resultados obtidos pela pesquisa arqueológica.

1- Em todos os cortes realizados, tanto na Praça de Armas como nas dependências, foi atingido o nível dos arrecifes em suas bases. Esta constatação não apenas confirma relatos históricos como permite afirmar que esta técnica foi utilizada na totalidade da fortificação.

2- Como na preamar as águas do mar atingem os arrecifes, foram utilizadas para os alicerces as pedras em sossa, ou seja, pedra sobre pedra sem argamassa. Esta técnica, utilizada em todos os alicerces, permite a passagem da água do mar, reduzindo consequentemente a ação do empuxo. Sobre esta camada, foram edificadas as paredes argamassadas.

3- Por ocasião das escavações, constatou-se que a base dos cortes, sobre os arrecifes, ficam cobertas de água duas vezes ao dia, consequentemente criando uma superfície úmida na primeira camada de ocupação. Houve, portanto, a necessidade por parte dos primeiros construtores de recobrir os arrecifes com uma camada de areia. Em virtude da seleção dos grãos, pode-se afirmar que esta matéria prima foi transportada a partir da formação dunar, de origem eólica.

4- Foi observado, também, que durante os primeiros tempos de construção do forte, pelos portugueses, as dependências não foram ocupadas, simultaneamente. A presença de restos de fogo, em muitas delas, denota a preparação de alimentação de forma independente, e não com um rancho único.

5- Identificaram-se distintas interferências construtivas ocorridas ao longo dos séculos, o que contribuirá também para o partido arquitetônico a ser adotado na restauração. De modo análogo, também foram identificados diferentes níveis de ocupação do forte, desde a sua construção e uso pelos portugueses, pelos holandeses e reformas ocorridas no século XX.

Muitas outras observações e constatações já foram identificadas de modo a permitir uma res-



Um dos pisos da Praça de Armas foi revestido em quadras. Marca negativa na argamassa que o sustentava.



O pequeno poço, conforme nossa pesquisa, fornece água doce na preamar por represamento das águas continentais. 240 litros em uma preamar de 2,10m. Foi testado PH e salinidade em vários dias, denotando potabilidade da mesma.



Água fluindo após o esgotamento do poço.

tauração segura deste monumento militar. Esperamos, em próximo artigo, após a análise completa de todo o material arqueológico, que deverá ocorrer nos próximos meses, apresentar uma visão geral, não apenas de todas as etapas construtivas deste forte como ainda de parte do cotidiano de seus ocupantes.

Indiscutivelmente, o Forte dos Reis Magos, em Natal, constitui-se em um monumento digno de ser estudado e preservado pelo seu significado multinacional, inserido no período colonial brasileiro.



Dependência com seteira de ventilação deve ter sido o primeiro depósito de pólvora, utilizado nos primeiros 20 anos de ocupação do Forte.



Segunda casa de pólvora, construída no centro da Praça de Armas e que ainda permanece nos dias atuais.



Abertura frontal que deve ter sido a terceira casa de pólvora. Encontramos vestígios de um piso em madeira. À direita, escada obstruindo uma das aberturas em arco e que permite o acesso a uma cisterna, construída em seguida.



Embalagem do material arqueológico, devidamente etiquetado segundo sua distribuição tridimensional no sítio, para ser encaminhado ao laboratório para análise.

MARCOS ALBUQUERQUE

É natural da Cidade do Recife. Arqueólogo, Coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE, Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército, Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, Membro da Academia de História Militar do Paraguai e Membro da Academia de Artes, Letras e Ciência de Olinda.